

MUNDO BARBIE E CASAMENTO: DO ROSA AO CHOQUE

Dra. NINCIA CECÍLIA RIBAS BORGES TEIXEIRA
Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)
Guarapuava, Paraná, Brasil
(ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br)

RESUMO: O artigo tem como objetivo discutir a representação da boneca Barbie na obra *Mundo Barbie* da autora Denise Duhamel, enfocando a instituição casamento. Ela é uma escritora americana contemporânea conhecida por explorar temas sociais e culturais em seus poemas de maneira criativa e muitas vezes irônica. Frequentemente aborda questões de identidade, gênero, sexualidade e cultura popular em seu trabalho, tematizando a sexualidade feminina e a violência cotidiana que sofrem muitas mulheres. Para tanto, são utilizados como referencial os Estudos Culturais, tendo como marco teórico a abordagem da crítica feminista que analisa e questiona a representação das mulheres, questões de gênero e as dinâmicas de poder na produção literária, concentrando-se em examinar como as obras literárias retratam e perpetuam estereótipos de gênero, bem como como refletem as estruturas patriarcais da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: estudos culturais, gênero, Barbie.

Artigo recebido em: 30 ago. 2023.

Aceito em: 23 set. 2023.

MUNDO BARBIE AND MARRIAGE: FROM PINK TO SHOCK

ABSTRACT: The article aims to discuss the representation of the Barbie doll in author Denise Duhamel's *Barbie World*, focusing on the institution of marriage. She is a contemporary American writer known for exploring social and cultural themes in her poems in a creative and often ironic way. She often addresses issues of identity, gender, sexuality and popular culture in her work, thematizing female sexuality and the daily violence suffered by many women. To this end, Cultural Studies is used as a reference, with the theoretical framework of the feminist critical approach that analyzes and questions the representation of women, gender issues and power dynamics in literary production, focusing on examining how literary works portray and perpetuate gender stereotypes, as well as how they reflect the patriarchal structures of society.

KEYWORDS: cultural studies, gender, Barbie.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Toda vez que uma mulher se defende, sem nem perceber que isso é possível, sem qualquer pretensão, ela defende todas as mulheres.

(Maya Angelou)

Os Estudos Culturais, associados ao pós-modernismo, englobam uma série de disciplinas, entre elas as relacionadas à literatura. Associados aos movimentos de vanguarda, valorizam expressões culturais normalmente marginalizadas, tais como a cultura popular ou a cultura urbana. Essa abertura proporcionou vários questionamentos relativamente à história da literatura e ao cânone como registro de obras consagradas e referendadas pela academia. A história das mulheres é perpassada por muitos silenciamentos, tendo em vista que a postura imposta a elas “é a escuta, a espera, o guardar as palavras no fundo de si mesmas. Aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se e calar-se” (PERROT, 2005, p. 10). Historicamente, percebemos que o espaço público e de fala era reservado ao homem, enquanto a mulher ficava restrita ao privado. Esse fato repercutiu nas

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. *Mundo Barbie e casamento: do rosa ao choque*. *Scripta Uniandrade*, v. 21, n. 3 (2023), p. 166-179.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 15 dez. 2023.

produções artísticas, pois as mulheres sempre estiveram presentes, mas representadas pelo ponto de vista masculino. Com muita luta, as mulheres têm buscado sair dessa posição de subalternidade, inclusive no campo literário, assumindo o papel de autoras. Todavia, essa é uma tarefa árdua.

[...] como pode a mulher contar a sua própria história se o discurso majoritário é dado, definido, pelo homem? Se a imagem feminina que ela tem de si mesma foi construída em filmes, livros e arte em sua maioria feita por homens, a partir de um olhar masculino? Como, nessa divisão, encontrar nas frestas do discurso suas possibilidades silenciadas, seu próprio desejo (tantas vezes desconhecido), buscar a sua própria linguagem? (SAAVEDRA, 2021, p. 64-65)

A literatura de autoria feminina tem o desafio de representar mulheres “inspiradas em figuras reais que desmentem estereótipos femininos, construídos ao longo da hegemonia patriarcal” (ZOLIN, 2019, p. 328). As representações podem ser entendidas como modos de ver a realidade e são cristalizadas em formas textuais. Chartier (1991, p. 177) considera que não há “prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles”. A literatura é um espaço no qual são construídas, validadas, reproduzidas e perpetuadas representações do mundo social (DALCASTAGNÈ, 2005).

Na medida em que foi atribuído valor a obras que não pertenciam ao cânone, suas normas foram questionadas, validando-se novas abordagens, o que destituiu a unicidade do cânone e da própria história da literatura, ambos, agora, caracterizando-se pela pluralidade. Para Zinani:

Os estudos de gênero passaram a se desenvolver sob a égide dos estudos culturais. Atualmente, como se admite escrita de história da literatura a partir de determinado signo, os estudos culturais de gênero possibilitam a construção de uma nova história da literatura sob o signo do gênero. (2010, p. 407)

Para Bandeira (2008), não há uma teoria crítica geral única do pensamento feminista. Cada uma a seu modo procura compreender por que e como as mulheres ocupam uma posição/condição subordinada na sociedade:

Desde que se fala em crítica feminista, faz-se, geralmente, apelo a esse bloco de correntes heterogêneas que tentam explicar por que as mulheres continuam, em boa medida, a viver em condições de subordinação, uma vez que na base de qualquer corrente feminista há o reconhecimento de uma causa social e cultural para a condição feminina de subordinação. Portanto, a crítica feminista explícita, incorpora e assume a tomada de consciência individual e coletiva, a qual é seguida

por uma revolta contra o entendimento presente nas relações de sexo/gênero e a posição subordinada que as mulheres ocupam em uma dada sociedade, em um dado momento de sua história assim como na produção do conhecimento. (BANDEIRA, 2008, p. 210)

A crítica feminista na literatura, de acordo com Bandeira (2008), analisa e questiona a representação das mulheres, questões de gênero e as dinâmicas de poder na produção literária. Concentra-se em examinar como as obras literárias retratam e perpetuam estereótipos de gênero, bem como como refletem as estruturas patriarcais da sociedade. Valoriza, também, as vozes e experiências das mulheres escritoras, que historicamente foram marginalizadas ou ignoradas pela tradição literária dominante.

Além disso, o olhar da crítica feminista recai sobre como as personagens femininas são retratadas em obras literárias. Isso inclui questionar a complexidade e profundidade das personagens, a presença de estereótipos de gênero, a sexualização excessiva ou a objetificação das mulheres na narrativa, explorando como diferentes formas de opressão e privilégios se entrelaçam nas narrativas e na construção de personagens.

Bonicci citado por Zinani (2010) aponta elementos que devem ser observados na leitura feminina, tais como, a não neutralidade nas representações masculinas e femininas, muito embora o ponto de vista do autor não possa ser atribuído a qualquer voz narrativa, ou seja, o leitor (ou leitora) constrói o significado das representações; desvela os estereótipos masculinos e femininos presentes na obra; desentranha a ideologia patriarcal inclusa no texto; analisa a representação das personagens femininas através do ponto de vista masculino; promove o questionamento sobre como o texto constrói a sua leitora.

MUNDO BARBIE: ENTRE O PATRIARCADO E A RUPTURA

O consumo não é apenas reprodução de forças, mas também produção de sentidos: lugar de uma luta que não se restringe à posse dos objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que lhes dão forma social e nos quais se inscrevem demandas e dispositivos de ação provenientes de diversas competências culturais.

(Martín-Barbero)

A boneca Barbie tem uma relação profunda com o capitalismo. Ela foi criada em 1959 pela empresária Ruth Handler, presidente da empresa norte-americana de brinquedos Mattel. A popularidade e sucesso comercial da boneca são resultado da estratégia de marketing e do sistema capitalista que impulsiona a produção e o consumo de bens de consumo. Para Brougère (2004), observa-se que sua produção está imersa em intenções pedagógicas, com o intuito de ensinar a supremacia de um tipo de corpo, raça e comportamento.

A Barbie é comercializada como uma boneca da moda, com uma vasta gama de artefatos que incentivam o consumo contínuo. Essa abordagem capitalista permite que a Mattel explore diferentes mercados e segmentos, buscando constantemente novas formas de atrair consumidores e aumentar seus lucros.

No entanto, essa ênfase no consumo e na aparência pode levantar preocupações. Barbie tem sido alvo de críticas relacionadas à hipersexualização da figura feminina. Desde sua criação, ela foi projetada com proporções corporais que se afastam significativamente das características físicas realistas das mulheres. Se a boneca fosse uma pessoa em tamanho real, ela teria um pescoço extremamente longo, uma cintura muito estreita e seios desproporcionalmente grandes.

Essas características físicas exageradas da Barbie têm levantado preocupações sobre a maneira como ela pode influenciar a percepção do corpo feminino, especialmente entre as crianças que brincam com ela. Alguns argumentam que a Barbie representa um padrão de beleza inatingível e irrealista, o que pode levar meninas a desenvolverem baixa autoestima e insatisfação com suas próprias aparências. Além disso, a ênfase no corpo "ideal" pode reforçar estereótipos de gênero e perpetuar a ideia de que a aparência física é o aspecto mais importante da feminilidade.

A hipersexualização também está presente na forma como a Barbie é muitas vezes vestida e comercializada. As roupas e acessórios da boneca muitas vezes enfatizam a moda, o glamour e o apelo sexual, o que pode ser considerado inadequado para uma boneca destinada a crianças. Isso pode transmitir a mensagem de que a sexualidade é uma característica central da feminilidade, mesmo para um público jovem.

Em resposta a essas críticas, a Mattel tem feito algumas mudanças ao longo dos anos. A empresa introduziu linhas de bonecas mais diversas, com diferentes tipos de corpo, tons de pele e estilos. Essa abordagem visa representar melhor a diversidade das mulheres reais e oferecer opções mais inclusivas para as crianças. A boneca Barbie promove padrões de beleza irrealistas e estereotipados, contribuindo para a pressão social sobre as meninas para se encaixarem em determinados ideais estéticos. Além disso, a associação da beleza com a felicidade e o sucesso pode reforçar valores superficiais em detrimento de outros aspectos importantes da vida. Portanto, ao se analisar a trajetória da boneca, observa-se

que sua produção está imersa em intenções pedagógicas, com o intuito de ensinar a supremacia de um tipo de corpo, raça e comportamento (BROUGÈRE, 2004).

Cechin e Silva asseveram que apenas um modelo de corpo, considerado normal, é representado pelas bonecas ofertadas pelo comércio atualmente. A hegemonia de um modo de ser, de uma infância considerada ideal é reproduzida nas bonecas e brinquedos mesmo com o avanço nas problematizações da pluralidade cultural e inclusão social difundidos nos meios legislativos, acadêmicos e midiáticos.

Denise Duhamel é uma escritora americana contemporânea conhecida por explorar temas sociais e culturais em seus poemas de maneira criativa e muitas vezes irônica. Ela frequentemente aborda questões de identidade, gênero, sexualidade e cultura popular em seu trabalho: “Mas criada numa sociedade campeã em pisotear o espírito feminino, Barbie foi ensinada a se sentir mal pelo que não tinha. Tão oca quanto o Homem de Lata, se envergonhava pelo coração ausente” (DUHAMEL, 2021, p. 134).

Ela tematiza a sexualidade feminina e a violência cotidiana que sofrem muitas mulheres. Sua escrita envolve o contexto político e cultural, utiliza, para isso, uma dialética e um poder de descrição precisa acerca do cotidiano. De acordo com Tomás Rodrigues (2015), a autora com naturalidade expõe a temática, assemelhando-se a um amigo nos contando acontecimentos reais de sua vida que, apesar de ser angustiante ou causar desconforto, na maioria das vezes eles nos fazem sorrir abertamente:

Os poemas estão escritos de tal forma que dão a impressão de serem um rascunho publicado não editado devido à forma como, na maioria deles, a ideia inicial começa a esbater-se e a forma como são expostos transmite a sensação de que Duhamel não é mais do que uma amiga que nos conta acontecimentos reais da sua vida que, embora angustiantes ou desconfortáveis, na maioria das vezes nos fazem sorrir abertamente. (RODRIGUES, 2015, p. 238)

Rossana Andrea Alvarez (2011), assevera que a autora critica aspectos da cultura contemporânea americana com ironia e autoconfiança. Usando uma linguagem coloquial, explora diferentes formas poéticas brincando com ícones da linguagem e da cultura pop. Uma das características mais marcantes de seus poemas é o humor: “Mesmo sem doutorado em teologia, Barbie consegue ligar os pontos. Sabe que chegou bem antes do Ken, sem precisar da costela dele, o que a faz se perguntar sobre Adão, se ele realmente chegou antes que a Eva no Jardim do Éden” (DUHAMEL, 2021, 134).

Ao pensar na tradução de sua poesia, tanto sua crítica social e o seu aspecto humorístico – muitas vezes ligado à forma – são dois obstáculos difíceis de

superar. Na obra *Mundo Barbie*, há presença do texto original (em inglês) e a tradução, justamente para que o leitor possa ter acesso à forma original.

A obra *Kinky*, de Denise Duhamel, no Brasil traduzida para *Mundo Barbie* por Miriam Adelman, Julia Raiz e Emanuela Siqueira, apresenta uma série de 42 poemas que exploram a vida e a perspectiva da icônica boneca Barbie, produzida pela empresa de brinquedos Mattel. Essa série de poemas examina a influência da boneca Barbie na cultura pop, bem como as questões de feminilidade, estereótipos de gênero, padrões de beleza e consumismo: “As meninas tiram seus excessos com bisturis, a gordura extra no nariz, as celulites balançando nas coxas e incrementam só mais um tantinho o que falta” (DUHAMEL, 2021, p. 96). O livro se divide em quatro partes: “Batom”, “Blush em pó”, “Rímel” e “Sombra de olho”. De acordo com Gomes (2021), “Os títulos já chamam a atenção para o tópico da manipulação da aparência que a maquiagem efetiva sobre o rosto de uma pessoa” (2021, n.p.¹).

Para Araújo (2023) os títulos dos poemas mostram Barbie em situações inusitadas. Alguns exemplos são: “A Tarde em Que Barbie Quis Entrar Para O Exército”; “Casamento”; “O Corpo É Meu”; “Barbie Na Terapia” (DUHAMEL, 2021). Estes títulos aludem a narrativas correntes da indústria cultural, muito embora, como são realizadas por uma boneca, tornem a situação cômica:

Esse deslocamento torna evidente o absurdo dessas narrativas, compreendidas como naturais e inclusive aclamadas pelo público no dia a dia. Esse olhar que usa do humor para ressaltar os aspectos alienantes e não humanos da existência, serve como uma maneira de repensar a organização do mundo e o papel das barbies. A relação com o exército e com as agências de inteligência secreta dos Estados Unidos, que povoam o imaginário cultural ocidental, apontam para um olhar crítico em relação a essa lógica, ligada à lógica fálica. As bonecas e o sentimento que causam, quando aparecem nessas situações, incomodam o leitor, que, em seu riso, é capaz de reconhecer as situações de dominação. (ARAÚJO, 2023, p. 68)

Nos poemas, Denise Duhamel critica e questiona a imagem que a Barbie projeta e o impacto que essa imagem tem nas percepções de feminilidade e no desenvolvimento de crianças. Ela usa um tom muitas vezes humorístico e irônico para revelar as complexidades subjacentes à cultura Barbie, estimulando o repensar do comportamento não apenas das mulheres, mas de toda a sociedade sob a influência da cultura estadunidense (GOMES, 2021).

Os poemas exploram as conexões entre a cultura popular, a sociedade e a identidade pessoal, muitas vezes desafiando as normas estabelecidas e questionando como essas influências moldam nossa visão de nós mesmos e dos

¹ “n.p.” para se referir a entrevistas e livros em formato kindle que não possuem paginação.

outros: “Por ser a boneca mais popular do século XX, a Barbie é enterrada numa cápsula do tempo na Filadélfia no dia 4 de julho, 1976. Ela é espremida entre uma embalagem vazia de Kentucky Fried Chicken e uma lata cheia de Coca-Cola, pois virou ícone cultural e agora tem que pagar o preço” (DUHAMEL, 2021, p. 56). Portanto, a exploração da escritora sobre o "mundo Barbie" oferece uma análise perspicaz e crítica sobre como os objetos e as imagens culturais podem influenciar a nossa compreensão do mundo ao nosso redor. Para Adelman:

a poesia de Duhamel recria não só as performances – das mais cotidianas até algumas muito paradoxalmente subversivas – da feminilidade (e da masculinidade), senão que evoca todas as grandes contradições do nosso tempo: da globalização da produção, da cultura de massas, das persistentes desigualdades de classe, raça e entre regiões do mundo. E todo com uma densidade descritiva e metafórica que mostra como a poesia pode, nos seus melhores momentos, superar outras linguagens de crítica cultural, ao acessar de maneira muito própria e muito *sui generis*, um campo onde reflexão e sentimento se conjugam. (ADELMAN, 2014, n.p.)

Duhamel apresenta Barbie sofrendo consequências sobre seu corpo quando tenta viver situações cotidianas na vida de uma mulher: Não há lugar nela para se coletar o papanicolau, mas o ginecologista sugere uma curetagem [...] ela não tem baby-doll apropriado para uso hospitalar” (DUHMAEL, 2021, p. 78).

De acordo com Araújo (2023), uma boneca ganhando vida não é apenas afirmação da reificação e alienação do corpo, mas é também uma forma de autômato ou ciborgue, visto que evoca o sentimento de inquietante e embaralha os dualismos da lógica da dominação. “O livro é um exemplo de como as expressões artísticas dão vazão aos sentimentos de opressão, dominação e objetificação, assim como muitos outros processos em curso no corpo feminino do final do século” (ARAÚJO, 2023, p. 65).

As situações em que a boneca vai ser alocada reúne as futilidades que envolvem seu cotidiano. Denise Duhamel ao representar outros corpos e outras questões a respeito de barbies problematiza o contexto de produção material e da imagética que envolve a boneca:

Barbies negras são exatamente parecidas com Barbies brancas. Moldes idênticos, iguais aos quadrados uniformes das barras de chocolate preto e branco da Nestlé. [...] Não haverá mais competição quando emergimos, idênticas e refeitas, apenas uma sororidade pálida e uma amor entorpecido.” (DUHAMEL, 2021, p. 26)

Dessa forma, há uma aproximação de clichês da indústria cultural em seu culto às estrelas e nas narrativas totalitárias de um sujeito que se autodetermina

a partir de sua jornada, enfrentando as ameaças que o cercam” (ARAÚJO, 2023, p. 66).

A manifestação feita por meio da literatura leva muitas escritoras buscar vozes e estéticas próprias, como é o caso de Denise Duhamel: “Trata-se de encontrar o misteriosíssimo caminho (ou caminhos) que, a partir de uma rachadura, de um desvio nas formas já manifestadas, leve a uma escrita imprevisível até mesmo para nós que trabalhamos com isso” (SAAVEDRA, 2021, p. 65), ou seja, estão em busca de uma narrativa que ainda não sabem qual é e que vão construindo à medida que narram.

No poema “Casamento”, ocorre uma crítica social acerca dessa instituição:

Casamento

Barbie imagina se seria traição
sonhar com namorados, bonecos que
Mattel nunca fabricou para suas brincadeiras.
Um com dreads rastafári feitos de pelúcia
Em lugar de duros arcos de plástico,
Outro gordinho, meio calvo
Com óculos de John Lennon
E um terceiro com um nariz grande e sexy
como Gerard Depardieu.
Porém, supõe ela, seu Ken é mesmo inofensivo
Peitoral todo sarado afastado por rígidos seios
que não cedem ao toque
e ele não pode lhe obrigar a nada
quando ela não está
com vontade.
Ela se lembra das últimas palavras
da descontinuada boneca Midge,
“Hey Barbie, não complique,
É um casamento, não é?”
Desde o outro lado do corredor
Entre o monte de brinquedos pra menino
O Soldado Joe de vez em quando olha pra ela
Mas não faz exatamente seu tipo.
Ela na sua caixa, com elásticos que prendem
Seus braços.
A capa de plástico distorce sua visão
Do mundo.
Não é só aventura romântica o que ela deseja:

Há passeios de balão,
Aulas no curso noturno, trabalho de caridade.
Barbie se consola, reconhecendo que não é
Muito diferente do resto de nós, de como jogamos:
Entre gratidão e ambição,
Passividade e culpa. (DUHAMEL, 2021, p. 58)

De acordo com Bucher (1990), a questão do casamento na sociedade moderna é vista a partir da ótica do racional sob o ponto de vista que existe um mercado em que o agente escolhe seu parceiro(a) de modo a maximizar sua utilidade sujeito à restrição, e vice-versa. Aqui a necessidade de por parte do indivíduo de se relacionar é vista quase que da mesma forma que o desejo de dispor de um outro bem de mercado qualquer: “Não é só aventura romântica o que ela deseja: Há passeios de balão, aulas no curso noturno, trabalho de caridade” (DUHAMEL, 2021, p. 58).

Barbie pode ser definida por sua independência, especialmente em relação aos homens. No poema, alia-se o estilo tradicional de feminilidade às relações de poder que inculcam a imagem da boneca que questiona sobre algo que aparentemente estaria sacramentado – seu casamento com Ken — “Barbie imagina se seria traição/sonhar com namorados, bonecos que/ Mattel nunca fabricou para suas brincadeiras” (DUHAMEL, 2021, p. 58). Nesse aspecto, ocorre o rompimento com a estrutura familiar vigente até poucas décadas, em que sempre foi o aparente conformismo ostentado pela mulher frente à condição de sujeição imposta pela lei e pelos costumes. Para Michelle Perrot (1993), não é a família em si que os contemporâneos recusam, mas o modelo rígido e normativo que assumiu no século XIX. Eles rejeitam o nó, não o ninho.

Em seu discurso, Barbie se posiciona contrária ao padrão inatingível de beleza, apontado como o padrão ideal de beleza, na qual os corpos masculinos são musculosos, ou esculpídos, às custas de muitas horas de academia:

Em lugar de duros arcos de plástico,
Outro gordinho, meio calvo
Com óculos de John Lennon
E um terceiro com um nariz grande e sexy
como Gerard Depardieu. (DUHAMEL, 2021, p. 58)

Duhamel aponta para um paradoxo, pois a boneca Barbie é utilizada pela indústria do consumo moderna como brinquedo que desempenha um papel preponderante na manutenção da neurose pela busca do corpo "perfeito". Para Fernanda Roveri (2012) a Barbie incita nas meninas a valorização da estética feminina. Essa busca pelo corpo da Barbie reflete nas mulheres adultas da

atualidade que colocam silicone, botox e formol nos cabelos para alisá-los. Assim, ocorre de um lado, a ideia implícita “Seja o que quiser”, que aponta para sua liberdade de escolha; por outro lado, representa a quebra da perfeição, ao imaginar modelos de corpos que destoam da perfeição, de uma mercadoria que deve ser constantemente aperfeiçoada.

Conforme Steinberg:

do mesmo modo que qualquer outro aspecto da cultura infantil, o efeito do currículo da Barbie é idiossincrático: para alguns ela facilita a conformidade; para outros, inspira a resistência. Leituras múltiplas à parte, a Barbie opera dentro dos limites de lógicas culturais particulares. Ela louva a brancura – brancura loura em particular – como um padrão para a beleza feminina; [...] O currículo pode não ter efeito – nenhum efeito é garantido –, mas nós temos que tomar cuidado com o terreno no qual Barbie opera. (STEINBERG, 2001, p. 337-338)

Na parte final do poema, entretanto, observamos que embora Barbie busque um enfrentamento em relação à sua imagem histórica e aos estereótipos de gênero associados a ela numa tentativa de se tornar mais alinhada com mensagens de empoderamento feminino e inclusão, ainda se mantém presa aos ditames sociais “Ela na sua caixa, com elásticos que prendem/Seus braços/A capa de plástico distorce sua visão/ Do mundo” (DUHAMEL, 2021, p. 58). Diante disso, estamos frente a uma nova onda, na qual a moda é a presença de Barbies “supostamente” dissidentes, mas que ainda orbitam em torno de corpo branco, e magro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na obra de Denise Duhamel, a autora destaca sentimentos de opressão, dominação e objetificação, assim como muitos outros processos em curso no corpo feminino do final do século. Nos poemas, a boneca, que frequentemente representa uma mulher branca, magra, loira e com proporções corporais pouco realistas, é inserida em um universo de diversidade, diferença, pluralidade cultural e a inclusão social. Essa diversidade é vista em tons de pele, etnias, opção sexual diferente dos da Barbie loura e branca. Essa pluralidade cultural que antes era delegada às amigas da Barbie, é incorporada às várias identidades que Barbie assume no decorrer da obra *Mundo Barbie*.

A sociedade pós-moderna e feminista questiona e rejeita os papéis de gênero rígidos. As expectativas tradicionais de que homens devem desempenhar certas funções e as mulheres outras são desafiadas, permitindo maior flexibilidade na definição dos papéis dentro do casamento. No poema “Casamento”, o eu-lírico, diante da possibilidade de se casar, expressa desejos, limites e expectativas,

procurando um relacionamento mais igualitário, desafiando, pois, normas tradicionais de gênero e relacionamento, incentivando a adaptação às necessidades e desejos mutáveis dos parceiros.

No livro, ocorre a desconstrução do viés patriarcal da Barbie, tornando-a mais inclusiva, essa mudança representa uma tentativa de se promover uma visão mais contemporânea da feminilidade e do papel das mulheres na cultura contemporânea. Entretanto, a crítica feita por Duhamel aponta que é importante observar que a Barbie é apenas um aspecto de uma conversa mais ampla sobre representação de gênero e estereótipos na cultura popular, e a desconstrução da visão patriarcal envolve uma variedade de esforços em diferentes áreas da sociedade, incluindo mídia, publicidade, educação e política. Denise Duhamel, de acordo com Araújo (2023) ao apresentar outros corpos e outras questões a respeito de barbies problematiza o contexto de produção material e da imagética que envolve a boneca.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, M. *Herdeiras da Sylvia II: A “Barbie” na crítica e sátira de Denise Duhamel*. Disponível em: revistacontemporartes.blogspot.com/2014/08/herdeiras-da-sylvia-ii-barbie-na.html. Acesso em 4 de set. 2023.

ARAÚJO, C. B. Pensar o autômato e o ciborgue: Diálogos entre Walter Benjamin e Donna Haraway. *Dissertação*. Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2023. Disponível em: http://www.pgfi.uff.br/wp-content/uploads/2016/03/2023_Clara_Biondo.pdf. Acesso em 6 de set. 2023.

BANDEIRA, L. Contribuição do Feminismo às Pesquisas Sociológicas Contemporâneas. *Rev. Estud. Fem.* n. 16, v. 1, abr. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000100020>. Acesso em 11 set. 2023.

FERRO-BUCHER, J.; RODRIGUES, M. A. Recasamento e recomposição familiar: questões metodológicas, de linguagem e das teorias. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 1990.

CECHIN, M.; Silva, T. da. Assim falava Barbie: uma boneca para todos e para ninguém. *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 24 – n. 3, p. 623-638, set./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/download/4918/4760>. Acesso em 5 set. 2023.

CHARTIER, R. O mundo como representação. *Estudos avançados*, 11 (5), 191, p. 173-191.

TEIXEIRA, Nírcia Cecília Ribas Borges. *Mundo Barbie e casamento: do rosa ao choque*. *Scripta Uniandrade*, v. 21, n. 3 (2023), p. 166-179.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 15 dez. 2023.

DALCASTAGNÈ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005.

DUHAMEL, D. *Mundo Barbie*. Edição bilíngue. Tradução de Miriam Adelman, Julia Raiz e Emanuela Siqueira. São Paulo: Edições Jabuticaba, 2021.

GOMES, I. A poesia é um gás #186. *Suplemento Pernambuco*. Disponível em: <https://www.ubook.com/ebook/1194733/pernambuco-a-poesia-e-um-gas>. Acesso em 7 set. 2023.

PERROT, M. O Nó e o Ninho. *Veja 25 anos: Reflexões para o futuro*. São Paulo: Abril, 1993.

RODRIGUES, T. Denise Duhamel Reina por un día. *Estudios de Teoría Literaria Revista digital: artes, letras y humanidades*. Año 4, Nro. 8, septiembre 2015. Facultad de Humanidades. Disponível em: <http://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/etl/article/viewFile/1293/1330>

Acesso em 6 nov. 2023.

ROVERI, F. T. *Barbie na educação de meninas: do rosa ao choque*. São Paulo: Annablume, 2012.

SAAVEDRA, C. *O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim*. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

STEINBERG, S. R., KINCHELOE, J. L. (Org.) *Cultura infantil; a construção corporativa da infância*. Tradução de George Eduardo Japiassú Bricio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

ZINANI, C. J. A. *História da literatura: questões contemporâneas*. Caxias do Sul: Educs, 2010.

ZOLIN, L. O. Literatura de autoria feminina. In: ZOLIN, L. O.; BONNICI, T. (Orgs.) *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 4. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2019.

NINCIA CECILIA RIBAS BORGES TEIXEIRA é professora do Departamento de Letras e do Programa Mestrado em Letras (UNICENTRO), doutora em Letras, Pós-doutora em Ciência da Literatura, coordenadora do Laboratório Estudos Culturais, Identidades e Representação (LABECIR) e diretora de Cultura da Universidade Estadual do Centro-Oeste-UNICENTRO.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. *Mundo Barbie e casamento: do rosa ao choque*. *Scripta Uniandrade*, v. 21, n. 3 (2023), p. 166-179.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 15 dez. 2023.

